

Foi esse o nosso sistema de comunicação interna, em todo o território, até 1883. O nosso progresso teve, até essa parte, a morosidade do carro de boi.

(*A Paraíba e seus problemas*, pp. 343/345. 3^a edição, revista. João Pessoa, Secretaria da Educação e Cultura, 1980.)

*
* *
*

TEXTOS

(Sugestões para Seminários)

REVOLUÇÃO NACIONAL (Getúlio Vargas)

No Brasil, salvo pequenas exceções, não existe regime representativo. Não há eleições, no exato sentido desta palavra.

Na maior parte dos Estados do Brasil, as eleições são lavradas em atas falsas, feitas nas casas dos apaniguados dos governos locais, sem interferência do povo. Por este sistema se elegem os governos estaduais e a representação dos Estados. Esta gente, pelo mesmo sistema, escolhe e elege o presidente da República. Este, amparado na força e nos recursos do Tesouro, apóia todos os desmandos dos governos locais que, por sua vez, dão carta branca ao ocupante do Catete. O Congresso Nacional eleito por esse sistema é de simples mandatários dos governos locais; fazem os que estes lhes mandam, abdicando de suas prerrogativas para servir incondicionalmente ao governo federal.

Em resumo, dentro dum regime de simples ficção constitucional, o presidente da República governa discricionariamente, sem controle e sem responsabilidade. O governo onipotente dum homem que domina sem responsabilidade é a causa de todos os abusos.

Cansada de lutar inutilmente contra essa máquina política, desesperada de melhorar a situação do País, dentro das possibilidades legais, decidiu-se a Nação pela luta armada.

Trata-se de uma revolução nacional, generalizada em todo o País, com raízes profundas na consciência popular e que traz consigo um vasto plano de reformas de ordem moral, política, econômica e financeira.

O novo governo dará anistia ampla a todos os implicados em revoluções anteriores.

As causas determinantes da revolução já deixavam prever suas finalidades essenciais que não podem ser outras senão as de repor o País na prática de um regime honesto, assegurado, na esfera nacional e estadual, o livre e harmônico funcionamento de todos os órgãos do Poder, sem hegemonias indébitas, que o próprio espírito de nossa organização repele, e promovendo uma série de medidas reclamadas insistentemente pela opinião pública, no tocante, sobretudo, ao processo eleitoral, à livre manifestação do pensamento e às franquias dos cidadãos.

Queremos estabelecer, dentro do País, um verdadeiro regime legal, de igualdade, de paz e a nossa política exterior será um reflexo da política de apaziguamento e de harmonia que pretendemos realizar dentro da própria casa, respeitados integralmente os compromissos assumidos até 3 de outubro do corrente ano e mantidas com maior eficácia as garantias asseguradas aos estrangeiros residentes no País.

(Entrevista à United Press, Porto Alegre, outubro de 1930; apud Hélio Silva, 1930: *A Revolução Traída*, 436/7. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.)

*

A DOUTRINA MONROE

(...)

Ficou dito no início da última sessão que um grande esforço estava sendo feito na Espanha e em Portugal para melhorar as condições do povo daqueles países e que ele parecia estar sendo conduzido com extraordinária moderação. Apenas é preciso observar que o resultado tem sido, muitíssimo diferente do então esperado. Dos acontecimentos ocorridos nesta parte do globo, da qual deriva a nossa origem, permanecemos sempre espectadores ansiosos e interessados. Os cidadãos dos Estados Unidos nutrem os mais amistosos sentimentos em prol da liberdade e felicidade dos seus concidadãos desde lado do Atlântico. Nas guerras das potências européias, em matéria que só a elas diga respeito, jamais tomamos a menor parte, nem cabe à nossa política fazê-lo. E somente quando os nossos direitos são investidos ou seriamente ameaçados é que nós ressentimos injúrias ou fazemos preparativos para nossa defesa. Necessariamente estamos mais de imediato ligados com os movimentos deste hemisfério e por motivos que devem ser óbvios a todos os observadores esclarecidos e imparciais. Nesse particular, o sistema político das potências aliadas é essencialmente diferente do da América. Tal diferença emana da existente nos respectivos Governos; e esta nação inteira é devotada à defesa do seu próprio governo, o qual foi edificado com a

perda de muito sangue e dinheiro e amadurecido pela sabedoria de seus mais esclarecidos cidadãos e sob o qual temos gozado excepcional felicidade.

Devemos, portanto, pelas sinceras e amistosas relações existentes entre os Estados Unidos e aquelas potências, declarar que consideraremos qualquer tentativa por parte delas de estender seu sistema a qualquer porção deste hemisfério como perigosa para a nossa paz e segurança. Não interferimos nem interferiremos nas colônias existentes ou dependentes de qualquer potência européia. Mas, quanto aos Governos que declararam sua independência que reconhecemos, depois de muita consideração e sob justos princípios, não poderemos ver nenhuma interferência por parte de qualquer potência européia com o propósito de oprimi-los ou controlar-lhes o destino senão como o da manifestação de uma disposição inamistosa para com os Estados Unidos.

(...) Nossa política em relação à Europa, adotada em um período inicial de guerras que agitaram durante tanto tempo aquele quadrante do globo, permanece todavia a mesma —, que é a de não interferir nos assuntos concernentes a qualquer dessas potências; a de considerar o governo de fato como o legítimo governo para nós; a de cultivar relações amistosas com ele e preservar aquelas relações com política franca, firme e viril, indo ao encontro, em todas as circunstâncias, dos justos reclamos de cada potência, não nos submetendo a injúrias de ninguém. Contudo, com referência a este continente, as circunstâncias são eminentes e visivelmente diferentes.

É impossível que as potências aliadas estendam seu sistema político a qualquer porção deste continente sem ameaçar nossa paz e felicidade; nem poderá ninguém acreditar que nossos irmãos do sul se entreguem a eles mesmos, o adotem de pleno conhecimento. É igualmente impossível, contudo, que olhemos com indiferença para tal interferência, sob qualquer forma que seja.

Se compararmos a força e os recursos da Espanha e o daqueles novos governos, bem como as distâncias que os separam, parecerá evidente que ela jamais poderá subjugar-los. Por isso a verdadeira política dos Estados Unidos é a de deixar as partes entregues a si mesmas, na esperança de que as outras potências seguirão a mesma trilha (...)

(Bloom, S. — **History of the formation of the Union under the Constitution**, 576/577. Washington, U. S. Constitutional Sesquicentennial Commission, 1943; apud Mattoso, Kátia M. de Queiroz — **Textos e documentos para o estudo da História Contemporânea**, 78/80. São Paulo, Hucitec/Editora da USP, 1977)

*

* *